



O professor como formador da identidade do novo hebreu nos contos de Meir Shalev

El profesor como formador de la identidad del nuevo hebreo en los cuentos de Meir Shalev

Gabriel Steinberg*

Resumo: Este artigo objetiva resgatar a importância do professor como mestre e guia ideológico na formação sionista de Israel. Meir Shalev, escritor israelense contemporâneo, retorna a sua infância para rememorar alguns de seus professores, que como adulto o inspiraram a dar vida a seus personagens ficticiais.

Palavras-chave: Sionismo. Literatura israelense. Bíblia.

Resumen: El presente artículo tiene por objetivo rescatar la importancia de la figura del profesor como maestro y guía ideológico en la formación sionista de Israel. Meir Shalev, escritor israelí contemporáneo, regresa a su infancia para recordar algunos de sus profesores, que como adulto lo inspiraron para dar vida a sus personajes de ficción.

Palabras-clave: Sionismo. Literatura israelí. Biblia.

Segundo o escritor israelense Meir Shalev, a maior parte das pessoas passam uma grande parte da infância e adolescência na escola, aprendendo com seus professores, sofrendo em suas mãos, os admirando, os amando e muitas vezes, os odiando. Não é por acaso que esses professores tornam-se posteriormente, protagonistas em diferentes criações literárias. Os escritores também foram alunos que frequentaram a escola, que tiveram vivências marcantes com seus professores. Estes retornam nas suas lembranças e em suas narrativas. Os escritores encontram nas memórias as figuras dos professores que, de certa forma, exerceram influências na formação de suas personalidades e nas tramas de seus escritos ficticiais. (SHALEV, 1999, p. 29)

Nas narrativas de Shalev, a figura do professor como mestre e guia na formação de seus personagens ficticiais é marcante e aparece em vários momentos de sua escrita. Esse artigo analisará o período de formação ideológica da empreitada sionista e apresentará a figura de vários desses professores, que além de mestres eram vistos como exemplos de abnegação e de retidão numa



época em que o agricultor mais que o professor, estava no lugar mais elevado da escala social desejável. O professor no período do início da colonização sionista em Eretz Israel em 1882 e até a criação do Estado em 1948, era, acima de tudo, um líder ideológico. O professor exigia de seus alunos obediência e entrega para a causa e não tolerava críticas. O professor era ao extremo um nacionalista em sua visão da nova sociedade judaica em formação, e mesmo que esta sociedade exaltasse a figura do agricultor, o redentor da terra, o professor era visto e ele via a si mesmo como aquele destinado a redimir ideologicamente os novos hebreus.

Por influência do nacionalismo europeu da passagem do século 19 para o 20, o ensino na Terra de Israel ressaltava o estudo da língua nacional, da história da nação, da saúde do corpo e da alma, do estudo das instituições do poder, e toda a linha pedagógica era orientada à formação do “novo homem” inserido em um “novo mundo”. Por outro lado, os professores viam sua função como uma missão. Dentro desta perspectiva, os professores não eram apenas os mestres da história da empreitada sionista mas seus porta-vozes.

1 O professor Yaacov Pinnes em *A montanha azul*

Meir Shalev nasceu em Nahalal¹ em 1948. Em 1988 ele publicou o romance *Román Russi*, traduzido ao português como *A montanha azul*. O romance causou grande controvérsia pois foi publicado concomitantemente à publicação de uma série de estudos da chamada corrente histórica pós-sionista que vinham a questionar o que eles chamavam de “mitos sionistas” forjados e disseminados pela chamada “história oficial”. Mas o objetivo desse texto não é entrar nessa questão, mas analisar o personagem do professor na obra para entender que papel os mestres exerceram na empreitada sionista e no retorno dos judeus a sua terra da promessa. Não por acaso o romance se inicia com a figura do professor. Ele, Yaacov Pinnes, é o primeiro a perceber que novos tempos rodeiam a aldeia dos colonizadores e ventos de mudança assinalam a crise do Sionismo que é um dos temas centrais da narrativa.

O professor Pinnes, mesmo não sendo um agricultor, via sua função na aldeia agrícola como de extrema importância devido ao seu peso ideológico. Pinnes fazia questão de criar fortes vínculos com seus alunos, com a terra de Israel e os princípios rígidos da empreitada sionista. Para um professor tão intimamente imbuído da ideologia sionista, o ensino da Bíblia era uma ferramenta de extrema validade. A Bíblia era estudada desde o início da colonização judaica dentro de uma nova perspectiva nacionalista secular e não como sendo a base da fé ou como uma obra filosófica. Por meio de suas histórias pretendia-se imprimir nos alunos valores sionistas para que pudessem se identificar com os relatos que exaltavam o passado glorioso de



Israel. Procurava-se uma ponte de ligação entre a mitologia bíblica e a realidade de então em Israel. O estudo bíblico era feito numa perspectiva educacional etnocentrista em que se exagerava a importância e a centralidade da cultura hebraica e toda outra cultura era entendida a partir da comparação feita entre essa cultura e a cultura hebraica, colocada então como centro. A valorização do trabalho, da justiça e da liberdade eram elementos extraídos da Bíblia e deviam ser incorporados à nova visão de mundo e da pátria que se estava erguendo. David Ben Gurion, um dos principais líderes sionistas e futuro Primeiro Ministro do Estado em 1948, tentou sempre ligar o Sionismo ao período bíblico. Uma forma de valorizar o passado glorioso de Israel se deu pela tendência à mudança de nomes com o intuito de hebraizá-los e até mesmo mudá-los como fez o próprio Ben Gurion.²

Professores na época do início da colonização judaica em 1882 e até a criação do Estado em 1948, eram acima de tudo líderes ideológicos e na narrativa de Shalev, o professor Yaacov Pinnes é o representante exemplar deste modelo de educador. O historiador Tom Seguev diz que o professor em Eretz Israel na época da empreitada sionista

Exigia de seus alunos que repetissem os conteúdos abordados e não permitia críticas. Ele se empenhava em internalizar em seus alunos a aplicação nos estudos, a contenção pessoal, a ordem, a obediência, o respeito aos pais, uma obediência às leis do país e um profundo amor à pátria. O professor era ao extremo um nacionalista em sua visão do mundo. (SEGUEV, 2002, p. 200)

A literatura das primeiras décadas do século 20, transmitia mensagens e valores sionistas de forma intencional pois os escritores estavam inseridos num aparelho propagandístico destinado a moldar as novas gerações dentro dos ideais do movimento. Estes escritores deviam apresentar uma imagem positiva do sionista, do pioneiro, do operário e do guarda judeu. O sistema educacional por sua vez, desde a pré-escola e continuando pelas escolas de nível primário e secundário, transformaram-se no braço ideológico do Sionismo e seu desenvolvimento era considerado de extrema importância para a transmissão de valores. Atuavam no sistema educacional professores que eram novos imigrantes ou jovens nascidos no país. Por influência do nacionalismo europeu, o ensino ressaltava o estudo da língua nacional, da história da nação, da saúde do corpo, do estudo das instituições do poder e toda a linha pedagógica era orientada à formação do “novo homem”.

Para entender o sucesso pedagógico-ideológico do sistema educacional hebraico ao moldar a nova imagem do judeu, é preciso entender que os professores viam



sua função como uma missão. Na época o professor era o responsável pela internalização de ideias e valores.³ Os professores tinham um lugar tão central na empreitada sionista que eles eram vistos como pioneiros e guias espirituais, em especial dentro dos marcos educacionais do movimento trabalhista. Muitos desses mestres se dirigiam a seus alunos como se estes fossem seus filhos e dedicavam-se à atividade pedagógica com devoção. Uma das disciplinas mais valorizadas na época era a de História do Povo Judeu além de Ciências e Bíblia, e a disciplina foi a que recebeu a maior atenção por parte dos educadores por sua importância doutrinária. Até 1948, 32 livros diferentes de história judaica tinham sido publicados no país.⁴

O ensino da história e da literatura procurava ressaltar aos olhos dos jovens a importância do povo judeu dentro da história universal assim como sua superioridade moral e intelectual no seio da família das nações. Essa postura tinha por intuito mostrar que somente o Sionismo era capaz de solucionar os problemas dos judeus. A imprensa da época exaltava de forma desproporcional tudo o que ocorria no país e dava pouco destaque às notícias do exterior. A partir dessa perspectiva ideológica, o professor via o mundo em geral dentro de sua visão e com isso tinha uma profunda dificuldade de olhar sua cultura e seus princípios inseridos no mundo, e devido a isso, seu senso crítico a respeito da política e da sociedade que ele ajudava a moldar era muito reduzido. Os professores eram instruídos a usarem permanentemente exemplos da vida e do cotidiano do *ishuv*⁵ em todas as disciplinas, desde artes à língua hebraica e desde ciências até a geografia do país.

O programa escolar para a 3ª série do Ensino Fundamental do ano de 1933 por exemplo, recomendava o seguinte:

Para as disciplinas de Ciências e Geografia se deviam organizar vários passeios ao campo para que os alunos saibam o que são fertilizantes, como se fertiliza a terra de Israel, e como a terra é redimida pelo Fundo Nacional. No ensino da Língua Hebraica recomendava-se a leitura de relatos sobre a vida do camponês e de seu trabalho, o ensino de canções que exaltavam o trabalho. Em Artes recomendava-se desenhar o camponês trabalhando, crianças cultivando a terra, o trabalho no jardim, os instrumentos usados para o trabalho agrícola. Em Música recomendava-se ao professor ocupar-se com canções da terra, e com versículos da Bíblia a respeito da agricultura em Eretz Israel. (Citado por ALMOG, p. 62)

Em *A montanha azul*, o professor Yaacov Pinnes, apesar de não dedicar-se ao



trabalho agrícola, não sentia-se diminuído em seu valor nem era diminuído pelos outros habitantes da aldeia. Sua função era considerada de extrema importância, ele tinha a missão de moldar ideologicamente a geração dos *sabras*,⁶ os que deviam superar com seu altruísmo a geração dos pioneiros. Os jovens expressavam em cartas a identificação com o mundo dos pioneiros, dos professores e dos líderes do *ishuv* e mostravam idolatrar a geração dos pais. Os filhos temiam decepcionar os pioneiros, as expectativas neles depositadas eram muito altas, a redenção nacional dependia de sua ação e comprometimento ideológico.

O desvio do filho do mundo de valores moldado pelos pais não era entendido como um instinto de independência mas, sim, como uma ferida emocional grave desferida em seus pais. Numa sociedade fortemente apegada a valores conservadores, as expectativas depositadas nos jovens eram altas e nela eles deviam corresponder a tudo o que era exigido e esperado. O pioneiro tinha com a terra de Israel uma relação romântica onde a paisagem do país renascido se assemelhava a um idílio. Existia na época o costume de percorrer o país para descobrir em suas paisagens as cenas descritas na Bíblia. Já na época da 2ª aliá,⁷ os pioneiros adquiriram o hábito de percorrer o país com a Bíblia em mãos como se fosse um guia a partir do qual poderiam decifrar o que estavam presenciando. O panteísmo dos pioneiros incluía não apenas a mistificação da paisagem da terra de Israel assim como da natureza. Essa concepção teve influência das teorias românticas surgidas na Europa do final do século 18 que chamavam o homem a renovar os laços com a terra. Homem e terra deviam formar um só corpo.

Na vida dos imigrantes da 2ª aliá, a Bíblia tinha um lugar especial. Esta lhes permitia ligar-se a um passado heróico em que o povo judeu foi livre. A Bíblia outorgava um laço de pertinência com a pátria ancestral. Além disso e como afirma Anita Shapira:

A Bíblia serviu na época como um guia geográfico da paisagem e da vegetação da terra de Israel. Os integrantes da 2ª aliá percorriam o país identificando suas antiguidades por intermédio da Bíblia. A Bíblia serviu como atestado de nascimento e fortaleceu a sensação de ter uma pátria. Essa foi a maneira de ligar-se ao passado judaico sem necessariamente unir-se à religião. No sistema educacional tradicional, a Bíblia é considerada um tratado de valor inferior ao *Talmud*. Por isso, desde a época da ilustração judaica renovaram-se os laços justamente com a Bíblia e não com o



Talmud, objeto de estudo preferencial das comunidades da diáspora. (SHAPIRA, 1998, p. 219)

O estudo da Bíblia não era visto mais pelos integrantes da 2ª aliá como a revelação da palavra divina porém como uma obra literária e histórica passível de ser analisada e criticada pelos pesquisadores e pelos leigos. Os integrantes da segunda onda imigratória sentiam-se atraídos pela Bíblia pois viam nas pregações dos profetas, como Isaías e Amós, as sementes do socialismo e da luta pela justiça e redenção universais. A identificação da imagem do pioneiro como o camponês que defendia sua terra contra as forças adversas da natureza, foi tema recorrente das obras literárias da época da 2ª aliá assim como da seguinte. O trabalho da terra era entendido como a saída da escravidão física e espiritual para a liberdade pessoal e nacional. O trabalho da terra era o que legitimava o direito do retorno dos judeus a sua pátria.

O *sabra* foi educado para ter uma relação visceral com a terra, o que se tornou um componente central da educação sionista e esta relação foi intensificada com a imigração de cientistas judeus oriundos da Europa e especializados na área das Ciências Naturais e Ciências Biológicas, e que se transformaram em professores ao chegar ao país. Foi no período de 1925 quando da inauguração da Universidade Hebraica de Jerusalém, que houve um desenvolvimento acelerado da rede educacional do país onde dava-se prioridade à relação do pioneiro com sua terra e com a natureza. O professor Yaacov Pinnes, em *A montanha azul*, exercia essa função quando fazia descrições minuciosas de plantas, animais e vegetação da terra de Israel que chegavam a ser exageradas na narrativa.

Na segunda década do século 20 começaram a ser publicados livros de estudo para jovens e adultos sobre a geografia e a natureza da terra de Israel assim como guias turísticos em sua maioria editados pela Central dos Trabalhadores, a *Histadrut* e pelo Fundo Nacional Judaico, o *Keren Kayemet LeIsrael*. Conhecer em profundidade a natureza e as paisagens do país devia ser feito não apenas por motivos intelectuais mas também por razões ideológicas. A ligação entre o conhecimento e o sentimento (o amor à terra de Israel), era vista como um instrumento pedagógico para fortalecer os laços dos imigrantes e jovens com a terra e com a empreitada sionista. Conhecer em profundidade a natureza e a geografia do país, era um método ideológico do Sionismo, tanto que o nome da disciplina que se ocupava desta matéria não era Geografia, porém *Yediat Hamoledet* (o conhecimento da terra, da pátria). A disciplina *Moledet*, tornou-se matéria de relevado valor desde a década de 1920 com a edição constante de livros pedagógicos e com o desenvolvimento da pesquisa geográfica do país. Aos alunos se ensinava de forma detalhada, dados técnicos a respeito dos cultivos agrícolas apropriados para cada região do país, sobre o clima de cada área, sobre a



drenagem dos pântanos e sobre os nomes das árvores e plantas do país.⁸

Desde o início da colonização judaica, os professores tinham o hábito de sair com seus alunos para percorrer o país e conhecer as paisagens da terra ancestral. Em *A Montanha Azul*, Yaacov Pinnes fazia isso de forma metódica e frequente. Os passeios serviam também para fortalecer os laços que uniam os alunos aos professores. As crianças dos *kibutsim* e *moshavim* saíam para percorrer a natureza pelo menos uma vez por semana. O aluno era orientado a observar o tipo de vegetação, os plantios, a colheita, o germinar dos cultivos. Os *sabras* eram instados a conhecer a topografia, os animais e insetos típicos da cada canto do país. Nos *kibutsim* os alunos saíam com seus professores para participarem da colheita, em especial em época de safra. Envolver as crianças no trabalho agrícola era uma forma de mostrar às mesmas sua pertinência àquela paisagem. Para o “novo hebreu” conhecer a terra como a palma da mão, era um sinal de status destinado a mostrar que nesse quesito ele podia superar seus pais, os pioneiros, assim como os novos imigrantes que chegavam, e até se se empenhasse, seus próprios professores.

Na narrativa de Shalev, não é por acaso que o professor é quem transmite as mensagens ideológicas e justamente quando se encontrava com seus discípulos em passeios pela natureza da “terra sagrada”. Assim encontramos a seguinte passagem nas palavras do narrador Baruch a respeito de seu professor Yaacov Pinnes em *A montanha azul*:

No dia seguinte viajamos para o antigo Beth-Shearim. No caminho, Pinnes avisou-nos de que íamos visitar um lugar terrível. Aqui foram trazidos os mortos da diáspora para serem enterrados no solo da nossa terra – disse nos ele quando estávamos na grande caverna tumular... Mas nós meninos – continuou Pinnes, voltamos a esta terra não para morrer, mas para viver. Naquele tempo acreditava-se que ser enterrado na terra de Israel nos purgaria do pecado e nos faria dignos da vida eterna. Mas nós não acreditamos na ressurreição dos mortos e na expiação ritual. A nossa expiação é o cultivo da terra e não o talhar de campos. A nossa ressurreição é o rego que lavramos. Os nossos pecados serão purgados pelo trabalho duro. As contas que temos a prestar são neste mundo e não no outro. (SHALEV, 2002, p. 235)



2 Os outros professores no mundo de Meir Shalev

Meir Shalev evoca com devoção e carinho a figura do professor numa coletânea de conferências que ele ministrou na Universidade de Tel Aviv ao longo do ano de 1998 e que foram reunidas em *Sod hachizat haeinayim* (Elementos de Conjuração) publicado um ano depois. Nesse livro ele dedica um capítulo intitulado *Hamorim Shelanu* (Nossos professores). Ele homenageia a memória da figura carismática do mestre e do líder ideológico, a pessoa dura e venerável que também sabia mostrar afeto e cumplicidade. Shalev evoca a figura de professores reais que o inspiraram na criação de seus personagens ficcionais pois, segundo suas palavras, seus pais também foram professores em Jerusalém e com certa frequência ele é parado nas ruas por pessoas que vem lhe dizer com saudades, terem sido alunos ou do pai ou de sua mãe. (SHALEV, 1999, p. 124)

Neste livro, Shalev rememora a época de sua própria infância ao narrar a visita que fez à casa do Sr. Alkalai que tinha sido professor de seu pai no Colégio Tachkemoni em Jerusalém. O pai do escritor possuía um respeito reverencial por tal mestre que mesmo sendo já adulto, este professor era ainda visto como um pai. É desta forma que o Sr. Alkalai é lembrado por Shalev durante uma visita que ele realizou à casa desse professor quando criança na companhia de seu pai:

O Sr. Alkalai morava numa pequena casa de pedra rodeada por um jardim frutífero no bairro de Beit Hakerem. Nós o visitávamos uma vez a cada várias semanas, sempre na manhã de sábado. Meu pai que era ele próprio já naquela época um professor e também um conhecido poeta, tratava seu antigo e velho mestre com veneração. Sempre se dirigia ao mesmo com a denominação “Sr. Alkalai”, nunca pelo nome próprio, e nem mesmo hoje desconheço qual era seu verdadeiro nome pois nunca ouvi meu pai pronunciá-lo. O Sr. Alkalai por sua parte, sempre me perguntava o que eu estava estudando naquele momento, me examinava, e meu pai mostrava-se então tenso, como se fosse ele próprio quem estivesse sendo inquirido pelo professor. Quando eu iniciava a tarefa de responder às perguntas do Sr. Alkalai, os lábios de meu pai movimentavam-se para repetir silenciosamente todas as minhas palavras, e quando eu não sabia responder, meu pai, constrangido, tentava indicar para mim a resposta certa. (SHALEV, 1999, p. 132)

No mesmo livro Shalev também lembra a figura de Yaacov Palmoni, um dos professores que tomaram seu fazer pedagógico como uma missão de vida. Os professores da infância de Shalev incentivavam o estudo individual e se



mostravam preocupados com os alunos solitários tentando aproximá-los do grupo. Mas o que era visto como elemento mais enobrecedor do sistema educacional sionista era que o estudo não devia ser realizado apenas dentro das paredes da sala de aula mas sim fora, no local mesmo onde ocorriam ou aconteceram os fatos no passado. A lembrança a respeito de Yaacov Palmoni é a seguinte:

Este espírito educativo tinha também aspectos pessoais. O mestre Yaacov Palmoni exigia de si mesmo e dos que com ele conviviam, que estivessem envolvidos na vida da aldeia, que se inteirassem de todas as tarefas agrícolas e que evitassem abandonar aquele lugar durante as férias e feriados. Ele dizia que abandonar o lugar mesmo que por curtos períodos era um hábito negativo, urbano, não civilizado e ainda, um sinal de separação e de alienação dos princípios sionistas. (SHALEV, 1999, p. 141)

Mas, o mestre que é descrito com carinho pelo autor é a figura real do professor Yaacov Maestro o qual ocupa no escrito de Shalev a seguinte e extensa narrativa:

Há, às vezes, um professor assim, um que atravessa a nossa vida como uma estrela cadente. Eu também tive um professor assim, que me tratava com inteligência e carinho, com nobreza de espírito, um que foi hábil em ver na sua frente não apenas uma sala de aula senão cada aluno como uma pessoa. Ele me estendeu uma mão cálida quando eu ainda era um menino pequeno. Seu nome era Yaacov Maestro. E como ele faleceu há alguns anos, eu aproveitei esta oportunidade para lembrá-lo e elevar aqui a sua memória.

Eu possuía então dez anos e morava em Nahalal, e tinha a minha frente um grave problema: cheguei a um estágio da vida em que não somente eu senão que os outros, começaram a perceber a minha necessidade de usar óculos. A verdade é que desde o dia em que tomei consciência da minha existência, soube que minha visão não era acurada. No início pensava que o mundo foi criado turvo. Depois eu decidi que assim era a visão natural de todos os seres humanos; da mesma forma como os cães não enxergam cores, assim os humanos não tem uma boa visão. Porém lentamente, minha mente foi tomada por um pensamento inevitável, e era que meus amigos enxergavam melhor do



que eu. A partir desse momento, dediquei a maior parte do meu tempo e das minhas forças a ocultar esta minha dificuldade de todos: dos meus amigos, dos meus professores e dos meus familiares, mas meus problemas de visão foram se aprofundando e meu temor crescia a cada dia.

Naquela época, em meados dos anos 1950, usar óculos representava uma grande vergonha. Quem usava óculos era hostilizado com termos tais como: “*Kassoker*”⁹, “*Abu Arba*”, e nos assentamentos agrícolas “*inteliguent*”, e até mesmo “*tilignat*”. Em geral, Nahalal não era nenhum paraíso para cegos e coxos. Seus fundadores, homens de visão e realização, olhavam sempre para frente com foco e valentia. E em relação a nós, seus netos, posso afirmar que os pioneiros da 2^a *aliá*, os que fundaram Nahalal, não retornaram para a terra dos antepassados para gerar nela descendentes com óculos, pois como estes, havia de sobra na diáspora. Eles desejavam uma nova geração de camponeses altos, bronzeados, com ombros largos, valentes de espírito, e também, de visão acurada.

Como minha destreza não era lá aquelas coisas e também não me destaquei pela força física e nem pela altura, entendi que os óculos representariam o último prego no meu caixão de mortos, sem falar é claro, na vergonha que eu iria trazer a minha família. Eu não tinha dúvidas que se aparecesse usando óculos, meus tios iriam me vender aos mercadores de gado, e que meu avô iria arrumar sua velha mala, avisaria que o Sionismo fracassou e retornaria no primeiro navio de volta para Odessa.¹⁰

Por todos esses motivos, fiz grades esforços para ocultar de todos meus problemas de visão, e entre outras coisas me dediquei à leitura de livros: é difícil aproximar dos olhos o mundo real, mas os mundos literários, esses que aparecem impressos sobre papel, esses sim são possíveis de serem aproximados. Porém quando finalmente fui obrigado a procurar um oculista, foi constatado de que eu precisava de óculos com dois graus e meio. Geralmente, crianças com problemas de visão, iniciam sua carreira com lentes de meio grau ou 0,75, quer dizer, que na maior parte da minha



infância andei pelo mundo cumprimentando não somente seres humanos mas certamente, também arbustos surpresos.

Além dos arbustos, quem começou a suspeitar de mim era aquele mesmo Yaacov Maestro. Em várias ocasiões me convocou para uma conversa e disse, que segundo sua opinião, eu era incapaz de ver o que estava escrito na lousa. E pelo visto, minhas negativas eram tão assustadas que ele decidiu não me pressionar em demasia. Até que um dia, ele escreveu na lousa “prova de matemática” e eu lembro-me da observação que acompanhava a nota baixa que obtive: “as respostas estão parcialmente certas, as perguntas estão erradas”. Ele ordenou que eu permanecesse na sala após as aulas, escreveu algumas palavras e cifras sobre a lousa, e me demonstrou, branco sobre preto, com carinho mas com determinação, que eu não tinha a visão acurada.

Naquela mesma noite ele bateu na porta da nossa casa, deu um educado *Shalom* e entrou. Eu senti que as paredes desmoronavam sobre mim. Em geral sempre tive uma infância feliz e tranqüila, mas de duas ocasiões eu me lembro como sendo dias de verdadeiro aperto e desespero. O primeiro, foi o dia em que nos mudamos de Nahalal para Jerusalém, e o outro, aquele dia escuro que eu descrevo agora.

Yaacov Maestro era um homem educado e de baixa estatura. Eu penso que sentia por mim uma certa afeição por que ele também não se adequava às exigências e expectativas da nossa aldeia. Ele não drenou os pântanos e não se alistou no *Palmach*, e para piorar todos os problemas, era um *Sefaradita* que chegou ao país após o Holocausto, creio que da Iugoslávia. Nahalal, um dos diamantes da coroa da visão sionista, era pouco paciente em relação a pessoas como ele. E também o fato de que trouxe para Eretz Israel um grupo de pequenos órfãos que foi encontrando pelo caminho após tê-los salvo da Segunda Guerra Mundial, em nada contribuiu para melhorar sua posição.

Ele foi direto ao assunto, mas minha mãe que era uma *nahalalit*, uma autêntica e orgulhosa moradora de Nahalal, imediatamente o fez saber que ele estava enganado. Yaacov



constrangido, se encolheu em seu assento porém insistiu: “O menino necessita de óculos”. Minha mãe enrubesceu. Porém era um rubor especial de cólera, que surgia da base do pescoço e que subia até invadir sua frente. Então ela se levantou e foi até o quarto próximo e ali ela permaneceu em sinal de desprezo e de protesto. Meu pai, ao contrário dela, demonstrava dificuldade em esconder sua alegria. Ele era um cidadão de pele branca, duas mãos esquerdas e idéias direitistas, e o que era mais importante, ele mesmo usava óculos. O simples fato de ter conseguido atingir a genética perfeita do primeiro *Moshav Ovdim* em geral, e da família socialista da minha mãe em particular, lhe provocou uma enorme satisfação.

No dia seguinte viajamos até Afula, para uma visita ao oculista. A primeira experiência de adaptação das lentes e da visão acurada e fina do mundo, não me agradou em absoluto. No dia em que recebi os óculos os coloquei no meu bolso, fui até a casa de Yaacov Maestro, abri a pequena portinhola do jardim de sua casa, e ele estava lá, cuidando das flores. Eu lhe disse: “Yaacov” – em Nahalal chamávamos os professores pelo primeiro nome, “Yaacov” lhe disse, “dentro de dois meses acabam as aulas, e no ano que vem eu volto para Jerusalém”. E então pedi que ele não me obrigasse a usar os óculos até o fim do ano escolar. Eu lhe prometi que a Jerusalém eu já iria chegar usando os óculos.

No dia seguinte de manhã, ele entrou na sala e anunciou que decidira mudar de lugar todos os alunos da classe: “Isso é porque vocês falam demais”. Desta forma foi camuflada sua verdadeira intenção – a de me colocar no início da fila do meio, para que eu estivesse mais perto da lousa e conseguisse ler o que estava nela escrito.

Um mês depois nos mudamos para Jerusalém. Sentei no fundo do pequeno caminhão que transportava nossos pertences, e quando a aldeia desapareceu da minha vista, quer dizer, após uns vinte metros, tirei os óculos novos do bolso e os coloquei sobre meu nariz, e ali eles estão até o dia de hoje. Em Matemática eu tenho dificuldades também agora, porém a um professor bom e caridoso eu consigo



distinguir facilmente até hoje, e mesmo sem usar óculos.
(SHALEV, 1999, p. 124 – 128)

* **Gabriel Steinberg** é Professor e Doutor em Língua Hebraica do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/ Universidade de São Paulo.

Notas

¹ Nahalal foi o primeiro *Moshav Ovdim*, uma comuna agrícola onde cada família recebia sua porção de terra para o cultivo e onde a produção agrícola era vendida de forma coletiva. Esse *Moshav* foi fundado em 1921 por integrantes da terceira onda imigratória para a Palestina no norte do país, no Vale de Izreel. Foi um meio termo entre o sistema de produção capitalista e o socialismo empregado então pelos *Kibutzim*. Com o passar do tempo, Nahalal se tornou símbolo do renascimento judaico em Eretz Israel e lugar de nascimento ou residência de algumas figuras emblemáticas do país tais como: Moshé Dayan, Hanah Szenesh, Yonathan Guefen, etc.

² Durante os primeiros 18 meses do Estado, entre sua criação em maio de 1948 e dezembro de 1949, quase 20 mil israelenses decidiram mudar seus nomes para nomes hebreus e com isso tirar de si sua identidade diaspórica. Essa foi uma experiência que teve início durante as primeiras ondas imigratórias e alcançou seu auge em 1949. Ben Gurion foi o grande incentivador deste fenômeno por meio de um carimbo que era colocado nos documentos militares, onde ele fazia um chamado aos soldados para que estes trocassem seus nomes. Em alguns casos, Ben Gurion colocou como condição para a ascensão nos rangos militares e na administração pública, a mudança dos nomes dos candidatos. (SEGUEV, 2002, p. 277)

³ Para entender a função do professor como mestre, mas também como educador, é possível ler as palavras de um professor da época do início da colonização para entender a conscientização dos professores de sua função primordial na empresa sionista. Assim se expressou um professor da época chamado M. Shlaguer: “Não somente como guarda imposto sobre a futura geração mas também como aquele que molda a imagem desejada do novo hebreu. Isso foi solicitado de nós, os educadores das escolas: exercer influência sobre a alma de nossos educandos para que guardem para sempre o fogo eterno da nação hebraica em todo seu esplendor. Nós precisamos ser não apenas



professores de matérias específicas mas também guias para a juventude judaica e os moldadores da alma israelense”. (Citado por ALMOG, 2001, p. 55)

⁴ A maior parte dos livros não se ocupavam apenas com a disciplina de História mas tinham a preocupação da transmissão dos valores sionistas. Até 1930, os livros eram elaborados na Europa Oriental. Após essa data, a maior parte dos livros passou a ser elaborada na Palestina por professores oriundos da Europa Oriental. (Citado por ALMOG, 2001, p. 57)

⁵ *Ishuv* significa, literalmente, comunidade, coletividade. Termo usado para definir a comunidade judaica existente na Palestina antes da criação do Estado de Israel.

⁶ *Sabras* é o termo usado para definir os nativos de Israel, os nascidos no país após o início da empreitada sionista a partir do final do século 19.

⁷ A 2ª aliá foi a segunda onda imigratória para a Palestina que se estendeu entre 1904 e 1914. Nesse período, chegaram ao país por volta de 40 mil imigrantes, em sua maior parte oriundos da Europa Oriental.

⁸ ALMOG, 2001, p. 256

⁹ *Kassoker*, em linguagem popular, é termo usado para alguém tido como envelhecido, vesgo, pessoa de visão curta, e mais especificamente, os que eram obrigados a usar óculos. Esta palavra ingressou no hebraico a partir da palavra em ídiche *kasoke*, que tem o sentido de vesgo.

¹⁰ Odessa é a cidade portuária ucraniana às margens do Mar Negro. No século 19 era a terceira cidade mais importante do Império Russo atrás apenas de Moscou e São Petersburgo. Os judeus se estabeleceram na cidade no século 19 quando esta se tornou um porto livre. Se calcula que a população judaica somava mais de 160 mil pessoas no final do século, o que a tornou na maior cidade de população judaica do Império. Os judeus russos sofreram vários *pogroms* como os de 1881 e 1905 o que fez com que no final do século 19 se consolidasse na cidade o movimento do iluminismo judaico, e muitos judeus passaram a frequentar escolas e universidades ao mesmo tempo em foi fundada ali uma escola judaica moderna. Nessa época foi aberto um centro de apoio ao movimento sionista e Odessa se transformou numa importante base de atuação do movimento nacionalista judaico. Foi ali também que atuaram os grandes escritores sionistas e pioneiros da moderna literatura hebraica como Bialik e Klausner.

Referências

ALMOG, Oz. *Hatsabar: Diukan (The Sabra: a Profile)*. Tel Aviv: Am Oved, 2001.



AVINERI, Shlomo. *La idea sionista: notas sobre el pensamiento nacional judío*. Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1983.

SEGUEV, Tom. *Hatsionim hachadashim* (The New Zionists). Jerusalém: Keter, 2001.

SEGUEV, Tom. 1949, *Haisraelim Harishonim* (1949, The First Israelis). Jerusalém: Dominó, 2002.

SHALEV, Meir. *Román Russi*. Tel Aviv: Am Oved, 1993. Versão em português: *A montanha azul*. Trad. António Pescada. Algés: Difel, 2002.

SHALEV, Meir. *Sod Achizat Haeinaim* (Elements of Conjunction). Tel Aviv: Am Oved, 1999.

SHAPIRA, Anita. *Yehudim chadashim yehudim yeshanim* (New Jews Old Jews). Tel Aviv: Am Oved, 1998.